

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**UMA NOVA GEOMETRIA DOS VALORES
MUDA O CENÁRIO DA HISTÓRIA**

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



Temas de “UNIVERSIDADE DE SÍNTESE”

SINAIS ANUNCIADORES

Proposta do autor para reflexão e intercâmbio

A modo de prelúdio

Sinais anunciadores

Chaves simbólicas para cruzar a barreira dos significados.

Por que anunciadores?

Porque se antecipam.

Antecipam-se ao pensar.

O que antecipam?

Anunciam não o que vai vir

mas o que já chegou.

E o livro, a linguagem conceitual, a palavra impressa?

Para onde aponta a mensagem?

Aponta para “Ouvir” antes de ler. Para escutar a “voz” da palavra, para entender o que diz a palavra.

Porém, que diz o livro?

O livro fala: do novo SIGNO do tempo,
do novo CÓDIGO Gen-ético,
da nova ORDEM do mundo.

Sinais Anunciadores é:

Um livro escrito em linguagem energética. Não só conceitos, filosofia da história, teorias científicas, mas ritmo, configurações simbólicas. Energia oculta das palavras.

Explora os sinais que marcam o caminho, a direção, o sentido da crise do homem e as transformações do mundo.

Não só aponta para os fatos e para a interpretação dos fatos, senão que quer fazer ouvir a “**alma dos fatos**”.

Sinais Anunciadores fala:

do novo **SIGNO** do Tempo,
do novo **CÓDIGO** Gen-ético,
da nova ordem do Mundo.

e também pergunta:

pela Civilização que vem,
pela Reversibilidade de Valores, pelo Quinto Reino.

Novo **SIGNO** do Tempo

Novo **CÓDIGO** Gen-ético

Nova **ORDEM** do Mundo

Novo SIGNO do Tempo

Ou da pergunta pela civilização que vem

Novo SIGNO

**A conquista do espaço é só a face externa
do que ocorre no tempo interior do homem.**

Algo completamente novo *fez* irrupção no mundo. *Ruptura de simetria do antigo sistema*: a casa que habitávamos ficou sem sustento. Novo *ritmo* da matéria na dança da vida.

**Como caracterizar este novo fenômeno humano que se
antecipa no horizonte do porvir?**

Nem a metafísica, nem a filosofia da história, nem as ciências particulares, nem a política, a arte ou as revoluções sociais podem desvelar o "Código Genético" dos homens e mulheres que vêm.

E a investigação tecnológica? E o novo paradigma científico? E a Universidade?

A Universidade que conhecemos não é mais que uma "galáxia de particularidades": perdeu-se o vínculo das partes com o Todo.

É possível uma nova "Síntese"?

Enfrentamo-nos com uma crise dos instrumentos.

Já em 1944, Erwin Schrödinger, um dos pais da Física moderna e Prêmio Nobel (com Paul Dirac) em 1933, no Prefácio de seu pequeno (e profundo) livro "O que é a Vida?" dizia o seguinte:

"Tornou-se pouco menos que impossível para um só cérebro dominar completamente mais que uma pequena parte especializada do conhecimento atual. Não vejo outra escapatória frente a este dilema - se quisermos que nosso objetivo não se perca para sempre (se refere ao "anelo profundo, que herdamos de nossos antepassados, de um conhecimento científico unificado e universal") - que a de propor que alguns de nós se aventurem a empreender uma tarefa sintetizadora de fatos e teorias - ainda que, às vezes, tenham deles um conhecimento incompleto e indireto, e ainda com o risco de enganar-nos a nós mesmos". (1)

"Alguns de nós", diz Schrödinger.

Efetivamente, já desde as primeiras décadas deste século, alguns de nós havíamos percebido que a "Síntese" não era só uma alternativa na organização do conhecimento científico, senão que se revelava como nova con-figuração do saber pelo acoplamento orgânico entre o caminhante e o caminho.

A própria "geometria" do caminho havia mudado, o "signo" do tempo era outro e os "sinais" marcavam um rumo diferente: já não se tratava de interpretar o mundo, nem sequer de transformá-lo, mas de transformar-se. Poetas, místicos, sábios da nova era (Einstein, Teilhard de Chardin, entre outros) haviam experimentado em si mesmos este 'giro' na direção da força, esta 'volta' do tempo no horizonte da história, esta 'reversão' dos valores, e anunciavam sua nova visão do mundo por trás do véu de palavras proféticas, equações matemáticas e paradoxos científicos.

Hoje, no umbral do século XXI, este 'giro', esta 'volta', vividos como experiência heróica (e às vezes trágica) por aqueles que estão à frente no tempo, estão sendo vividos por crianças e jovens de nosso tempo (em escala planetária), em função de uma aliança técnica ("hibridação de meios", em termos de McLuhan). McLuhan, o profeta dos "meios", quando anuncia que "o meio é a mensagem", se dá conta de que a mente humana já não caminha em linha reta (geometria de Euclides), senão que 'gira' em um circuito logotécnico:

“Nosso sistema nervoso central se encontra tecnicamente prolongado ou ampliado para que nos sintamos implicados no conjunto da humanidade e para que incorporemos em nós o conjunto do gênero humano” (2).

Esta nova 'fisiologia' não cria a síntese, mas prepara as condições para a expansão de consciência. A memória eletrônica arquiva em um banco de dados o que foi dito, o já conhecido, o repetido sob diferentes formas nos diferentes cenários da história e deixa a mente mais livre para penetrar nos mistérios do cosmos recém aberto.

Mas, é preciso ter cuidado para não confundir os resultados práticos da técnica com a "abertura" do espaço, onde se revela a nova consciência. Thomas Berry, destacado pensador norte americano, adverte que a humanidade de nosso tempo recebeu os extraordinários aportes da tecnologia como "mensagem de salvação" (como transcendência tecnológica) que substitui (e oculta) a transcendência espiritual. (3)

Qual é, então, o desafio que temos pela frente?

Aprender a viver “em forma perigosa”, no novo meio.

Sustentar-se no vazio provocado pela “dessimbolização do mundo”.

Voltar a perguntar em forma inocente.

Quais são as *perguntas iniciais* da alma jovem, que se antecipam às "formas" da cultura nascente?

A pergunta pelo *tempo*.

A pergunta pelos *sinais*.

A pergunta pelo *sentido*.

A pergunta pelo tempo

Tempo do “fim” da história e do "último" homem?

O tempo *inicial* de um novo homem que ainda não tem lugar no mundo?

Em nossa era técnica, o tempo do homem sofreu um 'giro' radical. As forças que liberamos percorrem o universo e voltam a nós com uma nova mensagem. Mensagem que, na maioria das vezes, sofremos e padecemos, *antes* de compreender. É o “fim” do tempo linear. As coisas, as instituições, as pessoas, terminam, *antes* que as demos por desaparecidas. Jean Baudrillard, qualificado por alguns como "profeta da pós modernidade", se refere a este “fim” do tempo, nos seguintes termos: “*Assim que, todas as coisas chegam, antes de haverem chegado. As causas vêm depois. Às vezes, as coisas até desaparecem antes de haverem chegado, antes de se haverem produzido*”.⁽⁴⁾

Em poucas palavras, já não é tempo de perguntar-se pela “flecha do tempo”: é tempo de perguntar-se pelo “tempo do homem”. O desafio (para *ser*), tanto na educação, na economia, na política, na organização social, é aprender a cruzar a barreira do tempo:

para não ficar presos nos buracos negros da História, para que a vida humana não se cristalice em uma forma.

A pergunta pelos sinais

Quais são os sinais que anunciam novas *funções* da vida?

Começamos a “pre-sentir” os primeiros a-cordes de um novo *sentimento cósmico*.

Começamos a dar-nos conta de que o realmente significativo para o porvir do homem não são os fatos e sim, a “alma dos fatos”.

Começamos a “ouvir” o ritmo, a mensagem, a palavra da língua mãe que ressoa por dentro.

Começamos a re-conhecer (por similitude) os “mensageiros” (prot-agonistas) da nova história.

A pergunta pelo sentido

No que já decorreu do século XX, grandes acontecimentos mudaram a face do mundo, porém a alma do homem se pergunta pelo sentido da obra. Quando acreditávamos haver alcançado os cumes do pensamento racional, nos encontramos com os paradoxos da ciência. Quando tivemos nas mãos o poder da técnica (e o vivemos como “mensagem de salvação”), tropeçamos com os paradoxos do real: crescimento da produtividade com desemprego, liberação de sexo e droga convivendo com a síndrome de imunodeficiência adquirida (AIDS), "aldeia global" por um lado, solidão da alma e perda de sentido por outro.

Algo essencial foi perdido!

Já pelos anos 20, o grande Ortega anunciava com palavra profética que "havia passado a era das revoluções e entrávamos em uma época da alma desiludida". A partir de 89, com a queda do muro de Berlim e o colapso do gigante soviético, os acontecimentos caminham em tal velocidade que devoram suas próprias significações: entramos no teatro da crueldade, no drama sem-sentido.

E agora?

"É mais fácil gritar ‘para frente!’ que ‘para onde’”, diz Edward Matchett (criador de um novo método de projeto logotecnológico).

Voltamos a repetir: já não se trata de interpretar o mundo nem sequer de transformá-lo, mas de transformar-se. A pergunta pelo sentido já não reclama uma resposta filosófica e sim, *Gen-ética*: não só uma nova ideia, mas um novo sacrifício.

Referências bibliográficas

- (1) Schrödinger, Erwin, **"Qué es la vida?"** Tusquets Editores, Barcelona, España.
- (2) McLuhan, Marshall, **"La comprensión de los medios cómo extensiones del hombre"** Diana, México, 1969
- (3) Berry, Thomas : citado por Ortolani, Valerio em **"Personalidad ecológica"**. Universidad Iberoamericana, México, 1983.
- (4) Baudrillard, Jean. **"Las estrategias fatales"**. Anagrama, Barcelona, 1984.

Novo CÓDIGO Gen-ético
ou da pergunta pela Reversibilidade de Valores

Novo CÓDIGO
Chegamos a um ponto do caminho
onde o tempo se converte em espaço

Começamos a pre-sentir uma nova *geometria* dos valores. Não se trata de uma nova filosofia, mas de um novo *código*. Não se trata de valores abstratos, virtudes da alma ou códigos sociais, mas de algo mais profundo: mensagem Gen-ética que antecipa novas funções da vida.

A partir da década de 60, a onda crítica que desestabilizava por dentro e por baixo ("underground") as estruturas do antigo sistema de valores se tornou visível e explodiu como revolta da juventude, em escala planetária.

Havia nascido um novo símbolo: Maio de 68

Charles Reich, professor em leis da Universidade de Yale (USA) foi um dos primeiros a elaborar conceitualmente a mudança de valores e as formas de vida que se havia produzido na nova geração. "Começando com uns poucos indivíduos em meados dos anos 60" – diz Reich – “e reunindo a partir dali, cada vez mais rapidamente um maior número, a Consciência III (Reich chama assim o despertar do novo fenômeno humano) se expandiu, surpreendente e milagrosamente, a partir

do duro e inflexível solo do estado corporativo ("*American Corporate State*", ou "Consciência II", que tipifica a consciência e os valores das grandes corporações dos negócios, da educação, da ciência e da política)."⁽¹⁾

Em realidade, tratava-se de uma transição de fase no desenvolvimento evolutivo da consciência, vivida por alguns poucos como iluminação mística, por outros (também poucos) como impulso revolucionário, e por muitos como crise existencial e colapso do antigo mundo. Porém, a maioria não chegou a descobrir a raiz oculta do fenômeno e só viu ali uma reação violenta da juventude contra a ordem social estabelecida. Reich destaca o caráter de "código segredo" desta fugaz (e pouco compreendida) liberação da energia na noosfera do planeta:

*"Tão espontânea foi sua aparição que ninguém, nem o mais astuto nem o mais radical, vislumbrou o que estava vindo ou o reconheceu quando chegou. Não é de surpreender que muitos pensaram nisso como uma conspiração, visto que se estendeu na América e em outras partes do mundo por vias invisíveis. Nem sequer alguns da antiga geração, nem ainda o FBI ou os sociólogos, conhecem muito acerca do novo fenômeno, visto que sua linguagem e seu pensamento são tão diferentes da Consciência II a ponto de torná-la virtualmente um indecifrável código secreto. A Consciência III, assim como este escrito (se refere a seu livro "*The Greening of America*") é o maior segredo na América, ainda que seus membros o tenham gritado tão alto quanto lhes foi possível".*

E o grito não foi escutado!

Fracassou a revolta estudantil. Fracassaram as revoluções sociais. E houve um sacrifício da juventude. Porém, o "fermento" do novo havia penetrado nas capas profundas do magma social, ativando sonhos até então jamais sonhados. A

partir do ano 68, o mundo voltou a obscurecer-se. Outras forças marcariam o rumo da história: guerra nas estrelas, economia de desamparo, poder oculto da droga, enfermidades de autoimunidade (quando a vida se volta contra a vida).

O que havia ocorrido?

Um gigantesco movimento de implosão da história.

O que nas primeiras décadas do século parecia claro (novas teorias científicas), de repente se tornou obscuro. Cedo nos demos conta de que continuávamos procurando sinais em um "mundo sem sinais". O jogo do tempo com as coisas, com os valores, com as instituições, com a vida, era diferente. O código da mensagem inicial se havia transferido (transcrito) do espaço luminoso da inteligência, ao tempo enigmático da vida. E ali foram procurá-lo e decifrá-lo os investigadores da nova era.

Em 1953 James Watson e Francis Crick expuseram a geometria da molécula chave da vida (ADN). Na década de 70 - a partir dos trabalhos de Maturana, Varela, Prigogine, von Weizsäcker - os biólogos e fisioquímicos reconhecem um novo princípio de ordem ("ordem por flutuações") nos processos de organização da matéria viva: cruzada uma fronteira de flutuação crítica, os sistemas se bifurcam e em cada ponto de bifurcação podem dar-se as condições para o nascimento do "novo". Como síntese da nova visão da natureza, os investigadores no campo da genética evolutiva lançam um forte desafio para os modelos teóricos de continuidade histórica:

“Sem ruptura de simetria, não existe evolução”.

Ruptura de simetria! Entramos aqui em um terreno muito pouco explorado. Em 1972, René Thom apresentava sua "teoria de catástrofes", e em 73, Prigogine abria o caminho para o conhecimento das "novas" configurações (estruturas

dissipativas) que emergem, ao romper-se a simetria dos sistemas biofísioquímicos, em umbrais críticos de instabilidade.

Ao chegar a este ponto no desenvolvimento da investigação científica, e a modo de interlúdio, convém que façamos uma pausa para voltar a olhar.

Havendo passado revista nos diversos aspectos e diferentes cenários em que foi explorado o novo fenômeno de transição de fase: "revolução da consciência" e "novo código de valores" (Charles Reich), "geometria em dupla hélice" da molécula chave da vida e "código genético" (James Watson e Francis Crick), "nova ordem por flutuações" e "estruturas dissipativas" (Maturana, Prigogine), havendo chegado a precisar algumas das condições que determinam e/ou catalisam o "nascimento do novo" nos cenários sociais e biofísioquímicos, o olhar 'se volta' sobre se mesmo, tentando esclarecer o sentido, reconhecer a orientação (o vetor) que marca o rumo da galáxia humana em seu devir cósmico: para onde vamos?

Nesta retrovisão do olhar, chegamos a um ponto crítico de interioridade onde nem a "reflexão" nem a "reflexão da reflexão" nos servem já de guia no incerto caminho: damo-nos conta de que, para seguir adiante, temos que voltar. De que para "aclarar" (*Erklärung*) o que se tornou escuro, temos que penetrar no "mais escuro que o escuro". Ao chegar a este ponto, damo-nos conta de que não existe "um caminho lógico" para aceder às leis mais gerais do universo e da vida (isto o viu claro Einstein). E então? Então, a aventura do pensamento é abandonar ali nesse ponto o pensamento, e deixar-se guiar pelo sentir profundo: instante de entrega, de aniquilamento, ponto crítico de reversão de energia onde o claro e o escuro (enquanto opostos) se ocultam e se abre um espaço único para a luz-e-a-escuridão. Experiência cume de radicalização do tempo, a nível da matéria humana. A "Síntese" (se ainda pudermos utilizar este termo) já não acontece por dialética dos opostos, mas por reversibilidade de valores.

Porém, o que é que nasce?

Não só novas ideias.

"Outras moléculas" são as que marcam agora, o ritmo das funções da vida.

Esta radicalização do tempo, esta reversibilidade de valores, esta transcrição *Gen-ética*, que alguns "mensageiros" (ARN da nova era) vivem conscientemente como transmutação de matéria e liberação de energia, também comove a sensibilidade e perturba o equilíbrio de milhões de seres humanos que, de repente, (e sem havê-lo escolhido) ficaram à deriva, à mercê de correntes invisíveis, em um mundo sem sinais, onde os acontecimentos já não são vividos e sim, sofridos.

Hoje, em escala global, estamos vivendo sob uma forte "pressão evolutiva", movimento frenético de desestruturação que reverte a trajetória de sentido de todos os modelos (intelectuais e sociais) que havíamos fabricado com as regras do antigo cálculo e da antiga geometria: de repente, as coisas que tínhamos nas mãos (um conhecimento, uma teoria, um valor, um bem) desaparecem e se convertem em outra coisa, pequenos acontecimentos geram efeitos catastróficos, o que ontem sustentava nossa vida subitamente colapsa esvaziado de sentido. É como se as lentas metamorfoses da natureza (a lagarta transformando-se em borboleta) de repente houvessem se tornado velozes, sem poderem deter-se em uma forma: é o "fim" do tempo do antigo pacto (Monod).

O que ocorreu, no essencial?

Cruzamos uma barreira perigosa.

Entrou em jogo uma nova lei.

A mensagem já não está escrita em sistemas de pensamento e sim, in-scrita em códigos de energia. Muitas formas morrem, antes de haverem nascido. Porém,

no horizonte do porvir conseguimos vislumbrar a geometria simbólica de um novo código Gen-ético.

Não é fácil tomar consciência do que realmente nos acontece...

Porque tropeçamos com o real, um novo *poder* que rompe a continuidade do tempo histórico e a lógica das antigas funções da vida.

Antes, no mundo das leis mecânicas, nos caminhos em linha reta do cosmos euclidiano, podíamos "ficar" onde estávamos, e a vida prosseguia seu curso, sem maiores sobressaltos: era possível morrer a seu devido tempo. Hoje, nos circuitos magnéticos da era eletrônica, arrastados por uma poderosa corrente que rompe as pautas de sentido, muita gente morre *antes* do tempo. a mensagem é subliminar e superlumínica. Não dá tempo: *antes* de bater à porta, já derrubou a casa.

Ainda não temos uma ciência para decifrar o novo código nem uma técnica para manejar a energia liberada pelos acontecimentos. Porém, em meio à nossa própria crise existencial, se a crise se radicaliza até romper a estabilidade da matéria, é possível alcançar um nível crítico de "energia de ressonância": ritmo qualitativamente diferente que con-figura novas funções da vida.

Reversibilidade de valores é uma *função de ressonância*

Em física de partículas, em colisões de alta energia, os investigadores descobriram novos estados da matéria (estados de muito curta vida) que caracterizaram com nomes tão estranhos como "canais de ressonância", "valores de ressonância", "energia de ressonância": "quando a energia ou a frequência alcança um certo valor, o canal começa a ressoar" (Capra, "O Tao da Física").

Existe algo parecido, em nível humano, nas relações humanas, na ordem do amor, no caminho do conhecimento, na viagem às estrelas?

Reversibilidade de valores, precisamente por *ser* uma função de ressonância, reclama um espaço essencial para ser "ouvida". Neste nível de alta energia, o "ouvir" se adianta ao ver. Se não consigo "ouvir" por dentro, não chego a ver nada por fora. Para os que "têm ouvidos e não ouvem", o mundo continua sendo o que foi, a vida continua sendo um sonho e a história repete os mesmos acontecimentos, nos fatídicos circuitos do tempo.

Mas, alguns começam a "ouvir" e a "ver". E chegam a dar-se conta de que o mundo mudou, de que as forças que movem a vida são outras, de que existem coisas que já não têm conserto (foram demasiado longe do ponto de retorno), e de que, frente à "pressão evolutiva" que hoje experimentamos sem compreender, não existe uma opção neutra (sem custo).

E, o que podemos fazer?

Voltarmos uma e outra vez sobre nós mesmos, para sustentar o olhar e participar, com nossa própria energia, na criação da nova ordem do mundo.

Referências bibliográficas

- (1) Reich, Charles, **"The Greening of America"**. Random House, New York, 1970.

Nova ordem do Mundo

Ou da pergunta pelo Quinto Reino

Nova ordem

Da filosofia política, à Gen-ética social

A partir do ano 45 (com a primeira explosão atômica) se havia rompido a estabilidade da matéria. Ainda mais, como talvez teria dito Monod, "havia sido rompido o antigo pacto com a natureza". O quarto reino (o reino da química do carbono (-C-), dos quatro pontos cardeais, das quatro forças do mundo físico) ficava a nossos pés e se abria (ante nossos olhos) o novo reino do homem, iluminado por uma estrela invisível.

Teilhard de Chardin se havia adiantado ao tempo por vir e com voz profética exclamava: "A era das nações passou, é hora de construir a Terra.". Ainda não vemos resposta para este desafio. Tudo nos faz pensar que os próprios poderes liberados pelo homem ultrapassam a capacidade dos condutores para governar o planeta.

Paradoxo do conhecimento? Ou crise dos instrumentos?

Em seu momento (e durante sete séculos), as universidades deram resposta à necessidade de organizar o saber. Hoje, nos umbrais do século XXI, a Universidade profissionalista e técnica já não pode responder à "pressão evolutiva"

de desenvolvimento global da consciência. E as igrejas? E as corporações multinacionais? E o proletariado mundial?

O drama socioplanetário se tornou confuso, enigmático.

Alguns anunciam uma catástrofe apocalíptica.

Outros, uma revolução da esperança.

A mensagem do quinto reino não é ideológica, é Gen-*ética*.

Gen-*ética* social é uma ciência à segunda potência (em termos de Georg Picht ⁽¹⁾), que articula o novo sentimento cósmico da humanidade com as funções, ofícios e ferramentas que hão de dar-lhe corpo social orgânico.

O fundamento (social) da civilização que vem não é uma nova ideia e sim, um novo "corpo". Esta ideia de "*corpo*" - que as religiões, as filosofias políticas e as revoluções sociais tentaram plasmar sob diferentes modelos teóricos no curso da história - irrompe hoje como impulso vital nos homens e mulheres chamados para o futuro. É uma obra de dimensão 'cosmogônica', porque já não se trata somente de edificar um corpo sociopolítico, mas de criar uma nova ordem do mundo.

Gênese por reversibilidade de valores.

Da genética molecular passamos à Gen-*ética* social.

Quem são os agentes catalizadores que interatuam nos misteriosos processos de transmutação da vida?

Em genética molecular, falamos de "moléculas mensageiras" (ARN mensageiro, ARN de transferência) que transcrevem e traduzem a informação codificada na molécula mãe (ADN) em funções e estruturas orgânicas. Em Gen-*ética* Social, começamos a reconhecer "mensageiros humanos", portadores do

germe do novo (energia de enlace) indispensável para ativar as funções, plasmar os ofícios e fabricar as ferramentas que hão de conformar o novo corpo social.

Corpo orgânico da humanidade?

A tradição espiritual preservou, sob formas simbólicas da linguagem, as ideias de "povo eleito" e "corpo místico". As teorias políticas e a filosofia da história nos falam de "corpo social" e "comunidade organizada". A nova "Politeia"⁽²⁾, se quisermos preservar este termo para a nova ordem social do mundo, nos conduz a um ponto de convergência *Gen-ética* entre correntes da vida até agora separadas. Ponto de articulação, de reversibilidade de valores, entre a mística nascente de uma humanidade que já cruzou a barreira cósmica e a consciência social dos povos mais avançados da Terra. E digo "ponto de con-vergência *Gen-ética*" porque disso precisamente se trata, de "incorporar" ("dar corpo social") à grande corrente de valores espirituais e transcendentais que hoje, uma vez mais, tenta "encarnar a poesia na história".

Esta "Nova Aliança" (pacto sagrado dos peregrinos da história do amanhã) é ainda só uma tentativa, leva a marca do experimento e do sacrifício. Essa "Aliança" não chega a expressar-se, pelo menos em escala social, em funções orgânicas tão bem estruturadas como as que hoje constituem a "sociedade dos poetas mortos". As funções novas, no máximo, se traduzem em proto-formas, e muitas delas estão destinadas ao fracasso - mas, levam em si a marca do que amanhã serão órgãos. Onde ficaram as experiências sociais de um Tolstoi, um Gandhi, um CHE Guevara, um Schumacher, um Rodolfo Kusch? É a mensagem feita fermento (código *Gen-ético*) das revoluções perdidas!

Gen-ética Social é uma ciência, uma técnica, uma mística que ainda não é ensinada nas universidades: sua mensagem de reversibilidade de valores não seria

recebida. A juventude intelectualizada a questionaria. A sociedade hedonista a rejeitaria. E as massas empobrecidas e desiludidas com as mensagens políticas ainda confiam na técnica e em sua "mensagem de salvação". Porém, "alguns de nós" (volto à proposta de Schrödinger, porém em outro nível) se retiram ao deserto da civilização moderna e pós moderna, para “ouvir” (por dentro) a voz de “funções nascentes” e reconhecer o sentido de “ofícios esquecidos”.

A entrada no "quinto reino" não é tarefa fácil.

Não basta a crítica ao antigo sistema e às velhas leis. Tampouco é suficiente a teoria, porém a *teoria* (em sentido profundo, originário, como o queria Einstein para a ciência) é a ferramenta que diz o que pode ser investigado.

E que é o que pode ser investigado na fronteira entre dois mundos?

Funções, Ofícios e Ferramentas - que con-figuram a geometria orgânica da nova ordem do mundo.

Funções:

Dispor-me a *escutar* a voz da mensagem, em meio à multidão de vozes sem mensagem.

Decidir-me a *co-responder* à minha própria vida, deixando pelo caminho a carga da experiência.

Ofícios:

Reconhecer meu "lugar exato no mundo" (lugar vital, como o lugar dos aminoácidos nas moléculas de proteínas).

Re-descobrir meu lugar como função social, como trabalho solidário, como "ofício sagrado".

Ferramentas:

Iniciação no Lar. Na sociedade moderna, o "lar" (como símbolo arquetípico de "lugar para estar") foi substituído pelos albergues transitórios.

Iniciação na Escola. A "escola" como meio humano de assimilação, transformação e transmissão do saber.

Iniciação na Sociedade. Economia providencial, ou economia de amparo (Kusch) que transforma matéria, energia e conhecimento em bens do homem.

Solidariedade ecológica: interação co-evolutiva com os demais reinos.

Iniciação no Templo. Onde os sábios e os santos se encontram.

O quinto reino não é uma utopia social.

É o sonho que tiveram os pais fundadores da cidade do homem.

É a obra dos construtores da Terra.

É o sacrifício cotidiano dos inocentes.

Onde o “fim” coincide com o princípio

Este é o ponto de reunião dos criadores.

Não é um lugar geográfico, nem um espaço físico.

Na origem das civilizações, sempre houve uma ponte invisível (agora, nós a chamamos “energia de enlace”) entre o Céu e a Terra. E sempre houve (também hoje) uma peregrinação à Fonte.

Já não temos mais tempo. A velocidade da luz diminui até o ocaso. As comunicações (ainda as mais rápidas) são demasiado lentas. Porém, um alento de vida nova nos impulsiona a peregrinar em busca da cidade do homem.

Referências bibliográficas

(1) Picht, Georg, "**Réflexions au bord du gouffre**" Robert Lafond, París, 1970.

(2) Garcia Venturini, Jorge L., "**Politeia**" Troquel, 2^a. Ed. 1979.